

Recebido em nov. 2007

Aprovado em dez. 2007

A ÉTICA NA TEOLOGIA DO PSEUDO-ARISTÓTELES

JAN G. J. TER REEGEN *

RESUMO

A *Teologia do Pseudo-Aristóteles* insere-se no grande contexto da filosofia neoplatônica, e, de modo especial, como desenvolvida e apresentada pela filosofia árabe – a *falsafa* – profundamente marcada no seu aristotelismo pela leitura neoplatônica. Assim sendo, a inspiração básica de sua ética deve ser procurada neste ambiente neoplatônico. Porém, não é suficiente somente acentuar esta base neoplatônica. A pergunta, que neste estudo se tenta responder é a seguinte: a *Teologia* acrescenta algo à visão ética apresentada no neoplatonismo, e em que consiste esta possível atribuição especial. Uma análise da metafísica e da antropologia da *Teologia* ajudará nesta tarefa.

PALAVRAS-CHAVE

Neoplatonismo. Falsafa. Teologia de Pseudo-Aristoteles. Metafísica. Ética. Antropologia.

ABSTRACT

Pseudo-Aristotle's Theology is a part of the great neoplatonic philosophy, and especially as present and developed in the Arabic philosophy – the *falsafa* – which shows profound signs of aristotelism, but in a neoplatonic reading. Therefore its basic ethical inspiration must be sought in this neoplatonic tendency. The question whose answer is tried to find out in this article, is the following: Pseudo-Aristotle's Theology has a special contribution in ethics, in neoplatonic perspective, and which is the character of this possible specific contribution. An analysis of the metaphysica and the anthropology of the Theology will be helpful in this reflection.

KEYWORDS

Neoplatonism. Falsafa. Pseudo-Aristotle's Theology. Metaphysics. Ethics. Antropology.

* Doutor em Filosofia pela PUCRS. Professor do INSTITUTO TEOLÓGICO-PASTORAL DO CEARÁ – ITEP e Livre Docente em Filosofia Antiga Pela UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ – UECE.

I. Introdução

Como já explicado em outros estudos que tratam de apresentar e analisar questões e assuntos relativos à *Teologia do Pseudo-Aristóteles*¹, tem-se em mãos um documento de caráter neoplatônico, que é basicamente uma paráfrase das *Enéadas* de Plotino, caso quo a IV^a, V^a e VI^a, e que oferece como assunto predominante a Alma, tanto a universal como a particular. Misturadas encontram-se teses aristotélicas, consequência de sua origem, visto que a *TdA*² na opinião bem fundamentada de Zimmermann³ deve ser considerada uma parte remanescente de uma antologia árabe de vários textos

¹ JAN G. J. TER REEGEN. A Alma na Teologia do Pseudo-Aristóteles. *KAIRÓS: Revista Acadêmica da Prainha*. Fortaleza: ITEP/ICRE, vol. II, n. 1, janeiro/junho 2005. Id. A Liberdade na Teologia do Pseudo-Aristóteles. *Anais do I Encontro Nacional de Estudos Neoplatônicos, Ontologia e Liberdade*. Aracaju-SE, 2006. Id. A Metafísica da Teologia do Pseudo-Aristóteles. *Anales del Seminario de Historia de la Filosofia*. Vol. 23 (2006): 59-74; Id. O silêncio que rompe as barreiras da fala: a comunicação na Teologia do Pseudo-Aristóteles. *I Simpósio Ibero-Americano de Estudos Neoplatônicos*. UFRN-Natal, 2007 (conferência). Id. *O Pseudo-Aristóteles. A Origem e o Objetivo de algumas obras do Pseudo-Aristóteles*. Tese de Doutorado, PUCRS, 2004, Capítulo Terceiro: A Teologia de Aristóteles, 99-145.

² Assim será, daqui adiante, indicada a *Teologia do Pseudo-Aristóteles*. A tradução dos textos da *TdA* é da autoria do autor deste artigo e foi feita, basicamente, a partir da versão espanhola de RÚBIO, LUCIANO, OSA, *Pseudo-Aristóteles. TEOLOGIA*. Madrid: Edições Paulinas, 1978.

³ ZIMMERMANN, F.W, The origins of the so-called Theology of Aristotle. In: *Pseudo-Aristotle in the Middle Ages. The Theology and other texts*. Edited by KRAYE, J. et alii. London: The Warburg Institute/University of London, 1986, p. 11-289.

de autores gregos, como Plotino, Proclo, e Alexandre de Afrodísia, que tinha como objetivo, entre outros, apresentar uma Metafísica que completasse a de Aristóteles, incompleta e nem sempre clara nas suas posições⁴. Misturadas, ainda, descobrem-se claros vestígios de uma fé monoteísta e criacionista, própria dos árabes islamitas e dos seus colaboradores, os tradutores cristãos.

Desta forma, a *TdA* – nascida na *falsafa* e presente nos seus primeiros representantes⁵ – assume um lugar especial e original na tradição neoplatônica, originalidade essa que não é somente de caráter metafísico, mas também antropológico, e conseqüentemente se revestindo de um forte teor ético.

Assim delineiam-se os contornos deste estudo, cujo objetivo principal é uma apresentação e análise do pensamento ético da *TdA*.

II. A Metafísica da *TdA*⁶

Incontestavelmente, a base da metafísica da *TdA* é o pensamento platônico fundamental: a existência de

⁴ Como, por exemplo, a famosa questão da criação do mundo e a imortalidade da alma.

⁵ Cf. entre outros, Alfarabi: *Alfarabis Philosophische Abhandlung*. Aus dem Arabischen übersetzt von Dr. Fr. Dieterici. Leiden: E.J. Brill, 1892, p. 37: *Wer die Aufsprüche des Aristóteles über die Gottherschaft in seinem "Teologia" betitelten Buche betrachtet [...]*. Da autoria de Ibn-Sina são conhecidas as "*Notas de Avicena sobre a Teologia de Aristóteles*", publicadas na versão francesa – junto com um artigo *Em honneur du millenaire d'Avicenne* – por Georges Vadjá na *Revue Thomiste* 51(1951) 346-406. (Nota do autor: Trata-se do milenário hegiriano).

⁶ Para um estudo mais profundo, cf., entre outros, REEGEN, JAN G. J. ter. *A Metafísica da Teologia do Pseudo-Aristóteles*. In: Madrid: *Anales del Seminario de Historia de la Filosofía*, v. 23 (2006): 59-74.

dois mundos, um sensível – passível de mudança e como tal ligado ao tempo –, o outro inteligível – imutável, e por isso eterno. Inegável, também, a presença de uma fortíssima influência da doutrina platônica não escrita ou oral, que se manifesta na presença e no papel do Uno e de suas características⁷. Ao lado desta influência, e não podia ser diferente, visto o seu caráter de paráfrase das últimas três Enéadas, está a presença do pensamento plotiniano – como também o de Proclo, o representante mais profundo (e mais prolixo) do neoplatonismo tardio⁸ – que estrutura este mundo superior: a procedência de tudo a partir do Uno, mediante a Inteligência, de que por sua vez procede a Alma, que dá origem ao mundo sensível, informando a matéria indefinida na sua essência, ou melhor, absolutamente informe e por isso não-ser.

Este esquema é a base do pensamento da *TdA*, que não faz nele mudanças essenciais, mas que apresenta algumas definições diferentes e novas, como, por exemplo, a identificação do Uno com o Deus Único, Criador de todas as coisas:

Este Uno, Absoluto e Único, apresenta-se na *Teologia* como o único Ser, o Ato Puro que age, cria, olhando a

⁷ Para esta parte, entre outros, cf. SZLEZÁK, Thomas Alexandre. *Orality e Escritura della Filosofia. Il Nuovo Paradigma nell'interpretazione di Platone*. Napoli: Instituto Suor Orsola Benincasa, 1991. O estudo mais completo, ainda, é: REALE, Giovanni. *Per una nuova interpretazione di Platone*. Milano: Università Cattolica de Sacro Cuore, 1991.

⁸ Cf. REEGEN, Jan G. J. ter, Os Elementos Teológicos, em *O Neoplatonismo*. Organização: BAUCHWITZ, Oscar Federico. Natal: Argos, 2001, p. 267-286. Cf. também, CUNHA BEZERRA, Cícero. *Compreender Plotino e Proclo*. Juiz de Fora: Vozes, 2006.

Si mesmo, tornando-se – sobretudo nas partes da *Teologia* que foram acrescentadas pela leitura islâmico-cristã –, o Criador, poderoso e grande, que como ato puro é a verdadeira realidade existente, que produz os seres das coisas e suas formas, olhando, então, na sua própria essência-existência. O Criador Primeiro, por isso, é a absoluta perfeição, e estende hierarquicamente a vida e a excelência sobre todas as coisas: aquele que tem mais capacidade de recepção está mais perto dele, e será definido e agirá como um intermediário entre Ele, o Criador, e os outros seres:

[...] que o Agente Primeiro é anterior a todas as coisas e que Ele é, simultaneamente, o Criador e “Aquele que leva ao termo”. Entre sua criação ou início da coisa e seu ato de levá-lo ao termo não existe distinção, nem separação, nem dúvida (Tr. 3)⁹.

O primeiro ente criado é a Inteligência, que

Como Primeiro Causado, isto é a primeira obra do Criador, ela é perfeita e acabada: as ações do Agente Absoluto Primeiro são nele subsistentes e não há, conseqüentemente, o que é primeiro ou último, o que é melhor ou pior. É nesta perspectiva que deve ser pensada a essência do mundo superior, do mundo inteligível que aparece tantas vezes nas páginas da Teologia como “lugar” de excelência e perfeição:

[...] Todo aquele que está neste mundo é celeste, aí não há, sem dúvida, nada de terrestre. Os entes espirituais que existem aí estão de acordo com o homem que aí está. Nenhum deles se assusta com o outro, ninguém

⁹ REEGEN, op. cit., p. 71.

rejeita o seu companheiro, nem lhe é contrário, mas permanece em paz com ele. A razão é que o nascimento deles vem de uma mesma fonte e a sua morada e sua substância são a mesma coisa. Cada um deles vê a sua essência na essência do seu companheiro, porque as coisas aqui existem de forma brilhante e luminosa. (Tr. IV, 1)¹⁰.

Esta Inteligência caracteriza-se pela “ignorância” que é mais perfeita que o conhecimento:

A Inteligência ignora e não conhece perfeitamente a sua causa, senão seria igual a ela. Também ignora as coisas que estão abaixo dela, porque não precisa conhecê-las, porque todas elas estão na sua essência, como em sua causa¹¹.

Assim, na sua “ignorância”, e por ela, a Inteligência faz conhecer o que é desconhecido em si, e torna inteligível – olhando para cima –, o que é ininteligível por essência, porque se situando além de toda e qualquer inteligibilidade:

Porque se o Criador não tivesse criado as coisas, se tivesse existido somente Ele e mais nada, as coisas teriam ficado ocultas e não teria sido revelado o esplendor de sua beleza e sua bondade¹².

A Alma que procede da Inteligência deseja universalmente, gerando destarte as formas universais, perfeitas e duradouras; porém, enquanto deseja “particularmente” está originando as coisas particulares,

¹⁰ REEGEN, op. cit., p. 72.

¹¹ REEGEN, op. cit., p. 73.

¹² REEGEN, op. cit., p. 72.

existentes no mundo da matéria. Desta forma fica clara a expressão usada por Plotino:

[...] que a Alma está no horizonte do mundo inteligível, doutrina que em outras palavras é confirmada pela Teologia. A hipóstase Alma, cuja característica é ser una-e-muitas, distingue-se em Alma Suprema, Alma do Todo e almas particulares. A esta última categoria pertence a alma humana¹³.

A alma humana, então, é originária do mundo inteligível para onde poderá voltar depois de sua passagem pelo mundo sensível. Esta passagem, porém, deve ser sem comprometimento essencial e existencial com este mundo em que reina a o tempo e a mudança:

Por isso a Teologia pode afirmar que a Alma não é um corpo, que ela não morre, não se corrompe e por isso nunca acaba. Chama-a, então, persistente e perpétua, cuja ligação com o sensitivo é um acidente que poderá ser superada e, de fato, será superada quando ela se voltar para seu mundo verdadeiro, belo e luminoso e encontrar desta forma o caminho de volta¹⁴.

Da alma, então, procede “o mundo do tempo”, do nascer e do parecer, do crescer e do amadurecer, afinal do mundo material em que se torna visível a infinita riqueza das formas existentes distintas na Alma e per modum unius na Inteligência. A Natureza é assim o fervilhar da atividade que está em repouso no mundo superior.

¹³ REEGEN, op. cit., p. 73.

¹⁴ REEGEN, op. cit., p. 73.

III. A Antropologia da TdA

Na terceira parte do X Tratado da TdA – cujo título geral é Sobre a Causa Primeira e das coisas que foram por ela e a partir dela criadas (X, a), encontra-se uma exposição que se apresenta com o seguinte enunciado: Sobre o Homem Inteligível e o Homem Sensível (Tr. X, g). Neste texto discorre-se sobre o homem inteligível como sendo o homem verdadeiro, em que existe tudo quanto caracteriza o homem existente no mundo sensível, exceto a temporalidade de, conseqüentemente, a mudança. Mas, neste mundo sensível não se conhece o homem com conhecimento correto, portanto “não se conhece o homem que está no mundo superior” e da forma em que está neste mundo superior, inteligível. O conhecimento que se tem do homem no mundo sensível é de um homem composto de corpo e alma, não de um homem simples, formal, verdadeiro e, por isso, eterno, imutável e completo que conhece pela essência e não pelo raciocínio.

Visível, então, aos olhos sensíveis, é o homem naquele mundo que é conhecido pelos sentidos, que é imperfeito, temporário, composto, por isso caindo sob a lei do nascer, crescer e desaparecer; em outras palavras, existindo no movimento de um contínuo devir. Bela, neste contexto é a comparação com o modo de trabalhar de um escultor:

Da mesma forma que o escultor modela a forma do homem corporal na sua matéria ou em algo em que seja possível modelá-lo e deseja esculpir aquela forma, ou sua semelhança com a forma, deste homem de acordo com a maneira que a matéria, na qual modela,

poderá receber esta forma; e esta será somente imagem deste homem, com a ressalva de que ela será inferior e mais baixa em muito que o próprio homem, porque nela não estão os logos agentes do homem, nem a sua vida, nem seus movimentos, nem seus estados, nem suas potências; da mesma forma o homem sensível é uma imagem daquele homem primeiro verdadeiro, exceto que o escultor é a alma que deseja assemelhar este homem àquele homem verdadeiro. A explicação é que ela depositou nele os atributos do homem primeiro, com esta diferença que o que nele foi depositado é fraco, pouco e escasso [...] O homem primeiro possui sentidos fortes, manifestos, mais fortes, mais manifestos que os sentidos deste homem, porque nele os sentidos são imagens daqueles, como já afirmamos várias vezes. (Tr. X, i).

O autor da *TdA* lembra aqui o “divino Platão” para quem o homem ideal, o nobre e o divino, é aquele que mora na luz, ou em outras palavras que é a alma racional vivente que dá vida ao corpo e o torna mais nobre e honrável do que seria se fosse apenas matéria. Afinal, é esta alma que faz que o homem concreto, composto de alma e corpo, seja iluminado pela luz do mundo inteligível, mesmo sendo seu “logos” débil e oculto.

O homem, “no mundo dos corpos”, é imagem do homem primeiro, em que existe o “logos do homem inteligível que transborda sua luz sobre o homem segundo que é o homem que existe no mundo superior anímico”. E este, o segundo homem, por sua vez ilumina aquele que existe no mundo corporal inferior.

Como alma pura, então, o homem é preexistente ao mundo corpóreo, participa do mundo dos deuses,

podendo ser considerado como um deus participante da vida espiritual do Todo. No homem concreto, que é imagem do homem primeiro, aquele que morava como alma junto aos deuses, existe, então o logos do homem primeiro e no homem primeiro existem “os logos” do homem inteligível, que transborda a plenitude de sua luz – que lhe vem através da Inteligência do Uno – sobre o homem segundo que é aquele que existe no reino da alma; este, como já se viu, por sua vez ilumina com sua luz o homem terceiro que existe no mundo corporal, caracterizada pela matéria sensível. A exposição sobre a Alma – Tratado IX – relembra a *IVª Enéada* de Plotino, quando fala dos homens, que embora se lançando do alto para as regiões lá em baixo, não estão completamente desligadas do mundo inteligível, da Inteligência:

Não desceram junto com a Inteligência, e mesmo ao chegar a esta terra, suas cabeças ficam firmemente fixadas lá em cima, no céu. Mas elas experimentaram uma descida mais profunda porque a sua parte de meio foi obrigada para cuidar do corpo para onde desceram, porque o corpo em que desceram precisa de sua ajuda. (3.12.5-8).

O comentário de Clark sobre este trecho é bastante interessante e esclarecedor e faz compreender melhor o que o Tratado IX da *TdA* quer nos dizer:

Há quatro possibilidades relevantes: A primeira é o animal, incapaz de recordar na sua ida mortal a sua própria alma eterna, como governada pelo intelecto. A segunda é o ser humano, ordinário e sensual, capaz de se lembrar de si mesmo, mas comprometido

demais com o sensível para experimentar essa lembrança. É possível que a alma mais alta de alguém deste tipo seja nobre, mesma que a outra alma seja “realmente má, que (por isso) deve ser dominada pela alma nobre” (IV, 3.32.10-11) Uma vez libertada desta particular encarnação, a alma mais alta pode lembrar a si mesma. A terceira possibilidade é alma que tenta, e cujo intelecto, ou cuja alma-intelecto, é ainda distinguível de sua vida cotidiana, mas que sempre está tentando se lembrar [...] A quarta é o homem bom, em quem o intelecto é ativo “ele, então, é ele mesmo um espírito, ou está ao nível dele, e é Deus (ou um deus) seu espírito guardião” (III,44.6.3-4)¹⁵.

O homem sensível, portanto, é um ser composto de corpo e alma-intelecto. Porém, não pode ser negligenciada a observação feita na *toda* – aliás, com bastante ênfase – que a alma não está no corpo como a forma na matéria:

Nem a alma é como a forma na matéria. Isto porque a forma é separável da matéria somente por corrupção e não é desta forma que a alma está no corpo, mas ela se separa do corpo sem corrupção. Além disso, a matéria é antes da forma, porém o corpo não é antes da alma, porque é a alma que coloca a forma na matéria, pelo fato que ela informa a matéria e que toma o corpo por matéria. [...] não há dúvida de que ela não está no corpo como a forma na matéria, porque a causa não está no causado como uma coisa tolerada, pois no caso contrário a causa seria paixão ou afeição do causado. (Tr.II, a’).

¹⁵ STEPHEN J. CLARK, Plotinus Body and soul. In: LLOYD P. GERSON, *The Cambridge Companion to Plotinus*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996, p. 283.

A alma deve ser entendida como a causa da forma no corpo, embora não se possa fazer uma distinção precisa entre a alma e esta forma. “Por isso”, assim Adamson, “o autor da *TdA* pode concordar com Aristóteles que o corpo possui potencialmente a alma, mas não a forma”¹⁶.

Mas, como e por que razão esta alma se separou do mundo inteligível e desceu ao mundo sensível, acabando ficar ligada a um corpo grosseiro, flutuante que está sob a lei da geração e da corrupção, isto é, do nascimento, da morte e da mudança? A resposta deve ser procurada no caráter próprio da alma particular, c.q. humana, que se movimenta tanto na direção do Universal como do particular. Isto quer dizer que ela possui uma determinada atividade que a dirige às formas universais e às formas particulares. O particular neste caso é o mundo da materialidade e da multiplicidade, o mundo

¹⁶ ADAMSON, P. *The Arabic Plotinus. A Philosophical Study of the “The Theology of Aristotle”*. London: Duckworth, 2002, p. 54. Cf., também, D’ANCONA COSTA, CRISTINA, Per un profile filosofico dell’autore della “Teologia di Aristotele”. Padova: Editrice Antenore, 1991. *Medioevo – XVII (1991)*, 116. Da mesma autora: *La discesa dell’anima dei corpi: Enn IV 8 [6]. Plotiniana Arábica (Pseudo-Teologia di Aristotele, Capitoli 1 e 7; Detti Del Sapiante Greco)*, Padova: Il Poligrafo, 2003, p. 26: [...] *Plotino repete que a doutrina da alma como enteléquia é falsa se entendida de acordo com os aristotélicos, mas ele sugere que exista uma maneira em que possa ser entendida corretamente “perfeição” do corpo, mas perfeição “separada”, isto é, independente do corpo, que procura a organização racional daquele cujo ser precisa existir, a alma dos platônicos [...] não é ligada ao corpo como uma coisa à outra. A alma é de fato a vida em ato do vivente: entretanto não como uma de suas funções, mas como o seu princípio.*

sensível. Porém, quanto às almas particulares constata-se uma dupla dimensão: estar no corpo e fora do corpo, porque,

[...] mesmo estando no mundo sensível, as almas não perdem a sua ligação com o mundo supra-sensível, com a própria Inteligência, que é a razão de seu existir e de seu agir, porque por meio dela age o Criador.

O homem, nesta perspectiva é um ser profundamente marcado pelo mundo em que vive, com seus contatos e suas influências do sensível e da materialidade, mas também faz parte de sua existência uma espécie de “nostalgia” pelo mundo que ficou para trás e de que por vezes se lembra vagamente, sobretudo quando dá mais atenção ao espiritual em sua vida, esquecendo-se das preocupações materiais.

IV. A Ética na TdA

Na Metafísica e na Antropologia estão delineadas as grandes linhas da Ética na *TdA* que seguem a mesma doutrina básica expressa nos escritos de Platão e Plotino, a saber, a célebre doutrina da segunda navegação ou a existência de um mundo superior inteligível e um inferior sensível, entre os quais existe aquela diferença que pode ser definida como fundamental, isto é a absoluta eternidade do mundo inteligível, que conseqüentemente é imutável, e a submissão ao tempo do mundo sensível, submissa ao nascer, crescer e desaparecer. Esta verdade básica é descrita e concebida de maneira diferente pelos dois pensadores, mas esta diferença, entretanto, não afeta a essência da doutrina: a ordem diferente do inteligível e

do eterno, e aquele do ser que nasce, morre, vem a ser, e finalmente o não-ser.

Nesta perspectiva são três as teses fundamentais da ética platônica e neoplatônica:

– o clássico esquema *exitus – redditus*: todas as coisas procedem de uma única fonte, que é eterna, imutável, absolutamente primeira: o Uno. A maneira de proceder é desenvolvida de forma diferente em Platão, que coloca a figura do Demiurgo como aquele que “cria” as coisas ao contemplar as Idéias eternas que compõem o mundo eterno, função criadora exercida em Plotino, na sua hierárquica ordem triádica, pelo Uno por intermédio da Inteligência. Da mesma forma que as coisas procedem do Princípio não Principiado devem a Ele voltar;

– O assim chamado dualismo, isto é a composição do homem de dois princípios, de que uma – a alma, ou a razão – é preexistente e, portanto, enquanto composto de corpo e espírito, está condenado a viver na matéria; esta vida, entretanto, não é eterna, e desaparece quando a união é desfeita, dependendo a sorte da alma – a união ao “mundo dos deuses” ou mundo inteligível ou a permanência na matéria por mais tempo até ser digno de voltar – da “retidão” de sua vida neste mundo sensível. O valor do homem depende essencialmente de sua dimensão espiritual, sendo o corpo considerado uma “prisão”, uma “lama” em que a alma caiu, quando da sua descida do céu;

– A necessidade de o homem viver de acordo com os valores da dimensão mais importante sua vida. Esta vida

constitui a condição *sine qua non* para alcançar, de novo, ou retornar, a vida inteligível, que é o berço da dimensão essencial do homem: o mundo inteligível de onde “partiu” para o mundo material com suas limitações. Resumindo isto quer dizer que o homem deve viver na luz, na verdade, praticando as virtudes que não só o levam de volta, mas que também são sinais de sua vida justa e reta.

a. O homem iluminado

Para quem deseja ver e contemplar o homem verdadeiro, lá no seu mundo que é o inteligível, no intuito de se inspirar nele e viver de acordo com aquilo que este mundo lhe inspira, é preciso que:

[...] seja bom, virtuoso e que possua sentidos fortes e que não seja prisioneiro no momento em que as luzes resplandecentes o iluminam. Isto se explica porque o homem verdadeiro é uma luz resplandecente na qual está a totalidade dos estados humanos, com a diferença que estes estão nela de uma forma mais excelente, mais nobre e forte. (Tr. X, j).

O homem deve evitar ser prisioneiro deste mundo sensível “no momento em que as luzes resplandecentes o iluminam”, isto quer dizer quando se lhe abre o mundo inteligível que é a sede do homem verdadeiro, sem mácula, que é como uma luz que ilumina tanto o segundo como o terceiro homem, estendendo-se, conseqüentemente, sobre quem, no mundo sensível, se abre para ela. Em outras palavras, no momento de sua despedida deste mundo corporal a alma humana deve encontrar-se o mais perto possível da luz que é o homem verdadeiro, modelo, causa

e origem, aquele que mora no mundo inteligível e que o ilumina com a luz de sua forma resplandecente e perfeita.

Por isso para ser virtuoso o homem deve estar sempre em contato com a luz¹⁷, porque por meio dela vê a formosura

[...] daquele mundo com as formas belas, esplendorosas que existem aí, participa daquela formosura e se ilumina com aquela luz, porque este mundo nobre ilumina tudo que lhe dirige seus olhos, já que transborda sobre ele a suas formosura e sua luz e faz que esteja como na formosura, no esplendor da luz. É o mesmo caso que o homem que ascende a um lugar alto, elevado e depois sobre a terra vermelha, brilhante e lança e estende a sua vista a ela, se enche desta cor vermelha, puro, resplandecente [...] se torna semelhante a ela e chega a estar na beleza e no esplendor tanto no seu interior como no seu exterior. Porém, a cor ali é somente a beleza e a luz da forma, ainda mais, a forma é o belo [...] (Tr. VIII, acréscimos entre y e z).

A luz, portanto, faz com que o homem mundano vê as coisas na sua verdadeira perspectiva, achando as bonitas e verdadeiras, mas sabendo que esta formosura em si somente é feiúra, que a verdade que apresentam é parcial e incompleta. Iluminado pela luz do mundo que é a origem de sua alma, o homem consegue relativizar tudo, na medida em que lhe é revelada a verdadeira dimensão das coisas que existem no mundo sensível: o seu caráter provisório e temporário.

¹⁷ A respeito da "luz" (φως) na cultura helênica e helenística, cf. *Theological Dictionary of the New Testament*. Editors: G. KITTEL e G. FRIEDRICH, translated by G.W. BROMILEY, vol. IX. Michigan: Wm B. Eerdmans Publishing Company, 1974. p. 310-343.

Nem sempre é fácil ver as coisas na perspectiva da luz “do mundo inteligível” e nem todo mundo consegue chegar a este ponto. O que fazer, então? Desistir, perder a coragem ou se conformar com a sua situação? A *TdA* oferece um caminho intermediário que, embora não conduza à luz na sua plenitude, revela, entretanto, que é possível captar algo da formosura e do esplendor, olhando para os Corpos Celestes que receberam sua luz daquela luz própria do mundo inteligível, antes que ela chegasse ao mundo material:

Quando alguém não consegue olhar para aquela luz esplêndida, que lance sua vista aos Senhores das estrelas, desejando vê-las com visão profunda, pois verá nisto algo da beleza daquele mundo superior, porque é imagem e semelhança dele. E quando estiver repleto da formosura daquele senhor brilhante, se encontrará na formosura e no esplendor como se com ela se tivesse unido para ambos serem uma única coisa. (Tr. VIII, Capítulo Sobre a Potência e o Ato, y **).

Várias vezes no Tratado VIII, donde as citações desta subdivisão, encontra-se a recomendação de que o homem deve “chegar a seu fim, sendo puro, limpo, sem se ter manchado com as manchas do corpo”. Esta pureza é a condição para ele voltar e se unir, perpetuamente até, com o mundo da verdadeira luz, que se manifesta nos Senhores do Céu, nos corpos celestes¹⁸. Por isso:

[...] quando o homem virtuoso lançar a sua vista a algum dos senhores que tem no céu, prolongando seu olhar

¹⁸ Cf. Santo Agostinho, inspirado tanto pela Bíblia como por seu neoplatonismo insiste no ponto que as coisas criadas são sinais de uma realidade superior, imagens do Criador.

para ele, estará repleta de sua luz e beleza e far-se-á uma só coisa com o corpo, deixando para trás a sensibilidade, a fim de não voltar ao mundo inferior, nem se separar daquele senhor, nem anular aquela formosura e olhar para o esplendor superior. (TR. VIII, z).

b. O Homem virtuoso

À angustiante interrogação: como o homem conseguirá andar na luz? a *TdA* dá uma resposta clara e direta: praticando as virtudes. Mas, o que são na perspectiva da *TdA* virtudes? A partir de uma afirmação que, em certo sentido, pode ser classificada como “lacônica”, o autor – por Adamson chamado “Adaptor”¹⁹ – diz que “as virtudes não são corpos e nem caem sob a sensibilidade”.

Por isso, elas estão na alma, como estão na Inteligência, que por sua vez as “vê” e contempla na Causa Primeira. Na Inteligência estão perpetuamente, sem mais ou menos, mas de forma completa e perfeita; na Causa Primeira estão como causa, conseqüentemente é ela que possui as virtudes no grau mais alto, ela se identifica com elas, ela “é” as virtudes:

Isto é assim porque a Inteligência ministra à alma a justiça, a retidão e as outras virtudes. Mas, estas não existem perpetuamente na alma que pensa, mas algumas existem nela quando reflete sobre elas. A razão é que quando a alma lança a sua vista à Inteligência, somente obtêm dela algumas espécies de virtudes, na medida do olhar lhe lançado. [...] Em

¹⁹ ADAMSON, P., op. cit., entre outros na páginas 50, 51, 54 e em tantas outras.

relação à Inteligência, nela as virtudes estão perpetuamente, não existentes agora sim e noutro momento não, mas sempre estarão nela. Porém, ainda que estejam sempre nela, elas são adquiridas unicamente da Causa. As virtudes estão na Inteligência para sempre, porque ela não interrompe seu olhar à Causa, nem ocupação nenhuma distrai este olhar. (Tr. IX, Capítulo das Coisas inusitadas, a).

Desta forma ser virtuoso significa, então, caminhar na luz com os olhos fixados na Inteligência numa contemplação que deve seguir e se aprofundar, construindo a verdadeira beleza que é a beleza interior. Este caminho significa um afastar se dos sentidos e daquilo que eles revelam, porque através deles não encontramos a verdade, mas tão somente aparências. Este afastamento é como sair das trevas para chegar à luz, que faz resplandecer a verdadeira beleza, ou essência, das coisas, que não reside nas formas exteriores, mas no interior. Sem dúvida, viver com os olhos procurando, através das coisas sensíveis, a verdadeira beleza é uma tarefa árdua que não é para todos, porque nem todos têm a força interior ou a coragem de se viver num afastamento contínuo do mundo em que vivem, de se virar cada vez mais para a sua origem, o mundo verdadeiro.

Tu vês, às vezes, que um homem é manso e sério e neste ponto, admiras sua beleza. Mas, quando olhar a sua cara, a acharás feia e ruim. Sendo assim, evita olhar a sua forma externa, olha sua forma interior e te encanta com ela. Se não lançar teu olhar ao interior do homem, mas a lançarás ao seu exterior, não vês a forma bela. [...] A verdadeira beleza é aquele que existe no interior da coisa, não no seu exterior. À maior

parte das pessoas somente agrada a beleza externa e não a beleza interior. Por isso, não a buscam nem investigam a seu respeito, porque a ignorância prevalece neles e afunda suas inteligências. Por esta razão não agrada a todos os homens conhecer as coisas verdadeiras, exceto a um pequeno grupo que é aquele que se afasta dos sentidos e se posiciona no âmbito da Inteligência e investiga os segredos das coisas e sua delicadeza. (TR. IV, i).

Em suas considerações sobre as virtudes o autor da *TdA* afasta-se de Plotino, para quem as virtudes cívicas só ajudam na reordenação da alma, mas não são verdadeiramente virtudes, mas elas devem ser consideradas como uma espécie de freio às afeições corporais, que causam um acalmamento do desequilíbrio afetivo. Enquanto “acalmam” e “freiam” não são verdadeiramente virtudes que servem para conduzir a alma de volta ao mundo superior. A derivação, que encontramos na *TdA*, das virtudes da Causa Primeira, em que a Inteligência as contempla e as faz “perpetuamente” parte de si mesma, estendendo-as em seguida na Alma quando esta a olha, afinal a descrição da origem e da essência das virtudes nos moldes da grande estrutura metafísica dos entes, revela com eloquência como o autor da *TdA* considera as virtudes como uma realidade do mundo inteligível, de que os homens sensíveis poderão participar, ao viver a sua profunda dependência deste mundo. Assim, com toda a clareza a *TdA* afirma que a alma só pelas virtudes pode subir, porque através delas o homem se eleva sobre este mundo do devir:

[...] nossas almas estão cheias de apetites reprováveis para ela, nossos ouvidos estão cheios de murmúrios

e ruídos e por isso não sentimos aquele mundo inteligível, nem conhecemos o que a Alma dele transmite. Somente podemos sentir o mundo inteligível e o que a alma transmitir dele, quando nos elevar, os sobre este mundo, eliminarmos as apetites baixos dele e não nos ocuparmos com nenhum deste estados. (Tr. VII, I).

Encontra-se, então, com clareza delineado que para a *TdA* o fato de alma reconquistar seu estado anterior e original no mundo superior, é essencialmente o resultado da virtude²⁰. O homem virtuoso deve ser alguém que tem olhos

[...] semelhantes aos de Lince e tem a vista aguda, (assim) verá o que existe no ventre da terra. O autor deste enigma deseja somente descrever a vista do mundo espiritual e nos ensinar que a vista dos habitantes daquele mundo é penetrante, rápida, escapando-lhe nada do que ali existe. O olhar para aquele mundo e para o que nele existe não cansa a quem olha e nem o olhar de tal forma sacia que o afaste do movimento (de olhar), porque ali a vista não se cansa de olhar de tal forma que precise repousar a fim de que a potência de olhar retorne ao movimento. Aquele que ali olha, não olha alguma coisa em particular, porque encontra beleza e se compraz nela, mas somente olha para todas as coisas. As coisas que ali existem não se acabam, nem diminuem, nem aquele que olha para elas se enfastia, nem esgota seu desejo por elas, pois aquele que deseja uma coisa, quando seu desejo se esgota, a despreza, fica vazio,

²⁰ ARMSTRONG, op. cit., 71, afirma que o “Adaptor” “mistranslates” (traduz erradamente) várias passagens para enfatizar este ponto de vista.

afrouxa a procura e diminui o seu olhar por ela. Contudo aquele que olha para elas, quer dizer para todas aquelas coisas, aumenta em admiração e desejo por elas e olha para elas com um olhar que nunca termina. (Tr. X, z).

O homem virtuoso, por isso, será aquele que se aproxima e fica próxima à Inteligência, porque destarte descobrirá a verdadeira dimensão daquilo que existe no mundo material:

As coisas do céu e as coisas da terra só são imagens e rascunhos das coisas que existem no mundo superior. Por isso, o que existe ali é um mirante maravilhoso que não vê mais do que a gente feliz e afortunada, que é aquela que só se esforça por olhar para aquele mundo. Em relação à imponente sabedoria primeira e sua potência, quem é aquele que poderá vê-la e conhecê-la nas profundezas de seu conhecimento? Isto em razão de ela ser uma sabedoria em que está a totalidade das coisas e a potência que criou todas as coisas. (Tr. X. b’).

O homem virtuoso, então, mesmo sendo um ser que pensa reflexivamente não obstante a sua “Nobreza” deve evitar que:

[...] o sentido ocupa-se em olhar as coisas sensíveis e introduz nela dores e tristezas por meio das coisas externas e relativas à natureza. Estas coisas distraem-na, lançam-na no caminho da a imaginação e impedem-na de dirigir o seu olhar à sua essência e à parte que persiste no mundo inteligível. A razão é que as coisas baixas vencem-na, o mesmo que os apetites reprováveis e os prazeres vis, eliminando suas coisas perpetuas para obter com esta eliminação os

prazeres deste mundo sensível, sem se dar conta que ela desta maneira se afasta do prazer que é verdadeiro [...]. (Trat. VII, m).

c. O homem livre

Estas duas características do homem – ser iluminado e ser virtuoso – resumem-se no fato de que o homem, que quer viver “eticamente”, deve fazer tudo que está no seu poder para se tornar livre²¹.

Embora não exista na *TdA* nenhum Tratado explícito que discorre sobre a liberdade, encontram-se vários *loci* que aludam a esta condição imprescindível ao homem que quer viver eticamente:

– O Tratado IV “acerca da beleza do mundo, da Inteligência e sua beleza” aborda a possibilidade da ascensão contemplativa ao mundo inteligível a Beleza das diferentes classes dos seres do céu, da terra, do mar, das plantas e do homem ultra-terreno:

[..] A beleza da alma manifesta-se a ti exclusivamente no homem santo, porque quando este afasta de si as coisas mundanas e embeleza a sua alma com obras satisfatórias, a luz primeira transborda sobre a sua alma parte de sua luz, e a faz bela, esplendida. Quando a alma vê o seu esplendor e beleza, sabe de onde vem esta beleza, sem precisar de raciocínio para sabê-lo, porque o sabe por intermédio da Inteligência.

– O Tratado VI “o qual contem a doutrina a respeito das estrelas”, trata da influência destas no mundo inferior,

²¹ Para uma exposição mais detalhada, cf. REEGEN, Jan G. J. ter, *A Liberdade na Teologia do Pseudo-Aristóteles*, I ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS NEOPLATÔNICOS, *Ontologia e Liberdade*, Aracaju-Se, 2006.

influência que é necessária, não voluntária, e, entretanto, causa do bem, nunca do mal. As estrelas dirigem as coisas neste mundo da mesma forma como os costumes dirigem a conduta dos cidadãos:

Se alguém perguntar: “dado que os estratagemas e o mago influenciam nas coisas, e, principalmente, no homem: qual é o estado do homem virtuoso, piedoso, pio? É possível que o feitiço e outros estratagemas que os manipuladores da natureza aplicam, tem influência nele, ou isto não é possível?”, responderemos que o homem virtuoso, piedoso e pio não recebe influências naturais do feitiço e do mago, nem sofre por parte de ações nocivas na sua alma racional, nem é aterrorizado por nenhuma delas, nem elas o separam de seu estado belo e satisfatório. Se sofrer influências das partes do mundo, é somente na sua parte animal, sem que o feitiço possa imprimir nele influências negativas, como o amor apaixonado e coisas semelhantes [...].

– O Tratado VII que discorre “sobre a alma nobre” apresenta o conjunto da doutrina neoplatônica: a descida da alma, sua volta ao mundo inteligível, a sua absoluta dependência da Causa Primeira:

[...] respondemos que em razão de o mundo sensível prevalecer em nós e nossas almas estarem cheias de apetites por ele, que são reprováveis, os nossos ouvidos estão cheios de murmúrios e barulho que existem neste mundo, e, por isso, não sentimos o mundo inteligível nem conhecemos aquilo que a Alma nos transmite a respeito dele. Somente poderemos sentir o mundo inteligível e o que a Alma nos

transmite dele, quando nos elevarmos sobre este mundo, eliminarmos os apetites baixos que sentimos por ele e não nos ocuparmos com nenhuma de suas situações.

– O Tratado IX na sua primeira parte trata “da alma racional e que esta não morre”, e a segunda fala das “coisas inusitadas”, como a justiça, a retidão e outras virtudes presentes na alma, na Inteligência e na Causa Primeira:

Dissemos que a justiça, a retidão e as demais virtudes são prova de que a alma está neste mundo com algumas de suas potências e no mundo inteligível com as outras. Isto se explica porque em razão de a alma pensar reflexivamente na justiça e retidão, e depois investiga se uma coisa é justa e reta ou não, não existe dúvida que na Inteligência existe justiça e retidão, a respeito de que a alma pensa reflexivamente e as investiga, pois senão for assim, porque a alma haveria de pensar reflexivamente e investigar sobre uma coisa que não existe?

– O Tratado X, falando da “Causa Primeira e das coisas que foram criadas a partir dela” tem uma terceira parte importante que trata do “Homem Inteligível e do homem sensível”²².

Todas estas referências apresentam, basicamente, o mesmo pensamento: todas as coisas procedem da Causa

²² Deste último Tratado, quando se discorreu sobre o *homem iluminado*, já se apresentou a citação, que fala que o homem deve ter “sentidos fortes que não sejam prisioneiros no momento em que as luzes resplandecentes os iluminam”.

Primeira, o Uno, e a ela devem voltar. A alma humana, – que desce para morar na matéria, princípio da multiplicidade e da mutabilidade –, sendo causada pela Inteligência passando pela Alma Universal, não escapa desta verdade fundamental: ela terá de voltar ao mundo donde procedeu. Este retorno, em Plotino e na *TdA*, assume o caráter de uma reconquista do seu estado original, em que havia o contato imediato com a Inteligência e seu mundo. Daí conclui-se que a liberdade do mundo superior consiste no ser o que é, coincide com a necessidade: o mundo superior necessariamente é desta forma, não pode assumir outra, sob pena de não ser mais o que é por causa da mutabilidade que, neste caso, reinaria nele, o que é um verdadeiro absurdo.

Quanto à alma, ela participa desta necessidade/ liberdade, mas enquanto caída e partícipe do reino corporal a sua situação é diferente:

[...] quando a inteligência está no seu mundo inteligível não lança sua vista à coisa alguma que está abaixo dela, mas unicamente à sua essência e, quando está noutro mundo distinto do seu, quer dizer no mundo sensível, então lança sua vista uma vez às coisas e outra vez unicamente à sua essência e isto ocorre só e unicamente no estado do corpo em que está por intermédio da alma. Se estiver muito envolvido com o corpo, lança sua vista às coisas, e quando estiver um pouco livre, lança sua vista unicamente à sua essência. (Trat. II, j).

Necessária, então, se faz uma purificação da alma. Esta purificação é uma decisão livre da alma, enquanto vivendo no mundo sensível, participando do processo do

nascer, crescer e fenecer. Assim sendo, a liberdade apresenta-se como uma libertação: a alma deve se libertar do mundo sensível para que lhe seja restabelecido o acesso ao mundo inteligível. Com outras palavras, a alma deve sair do mundo da liberdade-escolha para voltar ao reino da liberdade-necessidade.

[...] quando a Alma está na Inteligência e olha fixamente para ela, não está separada. Mas, quando se distrai e se cansa de olhar para ela, deixa a Inteligência para trás e caminha para baixo, à primeira das coisas sensíveis encontradas até dominar a última delas, imprimindo suas marcas belas. Mas estas coisas, mesmo belas, se revelam feias não nobres, quando comparadas com as coisas superiores existentes no mundo inteligível. [...] As coisas particulares são belas no sensível [...] mas em comparação com as coisas superiores são muito feias e não nobres. (Trat. X, e*).

Pela liberdade, então, que é uma verdadeira libertação, a alma retoma o seu caminho original, torna-se portadora da verdadeira beleza, bondade e justiça, sendo estas as virtudes que traduzem o estado eminente e transcendente do mundo que está perto do seu Principio, da Causa Primeira de todas as coisas. Decidindo livremente seguir o caminho da libertação, a alma se embeleza com a bondade, beleza e justiça que tem sua sede e origem no mundo inteligível: ela tornar-se-á livre na sua necessidade de viver na dimensão inteligível.

O homem, portanto, pode conquistar a liberdade de duas maneiras, que são complementares:

- Quando for consciente de sua posição na ordem cósmica: sendo e assumindo o que ele essencialmente é. Posição essa que se origina, por meio da Inteligência, da Causa Primeira, objeto necessário de desejo do mundo verdadeiro e inteligível;

- Quando o homem decidir viver no mundo material, tentando intensamente ascender, por meio de uma vida virtuosa, ao seu mundo original de que existem alguns vestígios na sua alma. Porém, também pode se dar o contrario: isto é, o homem pode decidir ficar ligado ao mundo inferior em razão, sobretudo, dos prazeres corporais, e comprometendo-se desta forma com as coisas materiais e conseqüentemente se afastando do seu mundo original, o inteligível.

Concluindo

Percorrendo os X Tratados da *Teologia do Pseudo-Aristóteles* são encontrados muito mais referências, especialmente indiretas, vida virtuosa, ao homem caminhando na luz e à liberdade, seja na sua dimensão de liberdade-necessidade, seja na de liberdade-escolha. Na concepção do autor da *TdA* isto significa uma dimensão essencial do ser humano: a constante tensão entre a - necessária - volta ao seu mundo de origem, onde afinal reencontrar-se-á com o Uno, a Causa de tudo que existe, com a sua Luz em cujos raios quer se abrigar definitivamente, com a eterna e perfeita presença das virtudes, e a sua atração pela matéria, sinônimo de divisão, multiplicidade, e por isso de trevas. Esta tensão pode ser caracterizada como “existencial”, porque

percorre a vida na sua totalidade, faz parte da vida do homem neste mundo. Em tudo que ele faz ela está presente, como, por exemplo, se manifesta na sua atitude diante da natureza e da beleza das coisas que aí existem: tudo é belo, mas [...] é uma beleza “fraca”, que até se torna feiúra quando através delas é encontrada a verdadeira natureza. Assim, o homem é bom e justo; mas o que significa esta bondade e justiça se não forem ancoradas na verdadeira bondade e justiça? Em outras palavras, o mundo dos homens sensíveis só tem valor na perspectiva do homem verdadeiro no seu mundo específico. O homem, então, será verdadeiramente homem se for capaz de assumir em sua vida esta perspectiva transcendente no seu pensar e agir.